



Revista do Programa
de Pós-Graduação em
MÚSICA | CEART | UDESC

Música e Autismo:

Ideias em contraponto

Music And Autism:

Ideas in counterpoint

DOI: 10.5965/2525530411022026e0301

Tayná Kethellen Santiago Alves

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

E-mail: pg406595@uem.br

Vania Malagutti Fialho

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

E-mail: vamsfialho@uem.br

Submetido em: 09/04/2025
Aprovado em: 13/04/2026

Resumo

O objetivo desta resenha é apresentar o livro *Música e Autismo: ideias em contraponto*, publicado pela Editora UFMG em 2022. Trata-se de uma obra organizada por Gleisson do Carmo Oliveira, Educador Musical e Musicoterapeuta, Professor da Faculdade de Letras e Artes da UERN; Marina Horta Freire, Professora Adjunta da Escola de Música da UFMG e Musicoterapeuta; Betânia Parizzi, Professora Associada da Escola de Música da UFMG, desenvolvendo pesquisas sobre relações entre música, cognição e desenvolvimento humano; e Renato Tocantins Sampaio, Educador Musical e Musicoterapeuta. A obra é composta de 9 capítulos que tratam sobre autismo e música, na perspectiva das neurociências, da psicanálise, da musicoterapia e da educação musical. A leitura é destinada para todos que buscam mais conhecimentos sobre como trabalhar com o público diagnosticado com TEA, pessoas autistas e, em especial, para quem atua nas áreas da saúde e da educação. Destaca-se na obra a preocupação dos autores e organizadores em trazer informações para que o público com TEA possa ocupar um espaço social e cultural legítimo, sendo entendidas e aceitas na sua integralidade. Nesta direção, é necessário um investimento coletivo, científico, político e sociocultural, desmistificando os diagnósticos e enxergando-as como potenciais agentes sociais. O livro é um convite para que profissionais de diferentes áreas assumam sua responsabilidade na contribuição para um mundo melhor, com atenção às pessoas com TEA.

Palavras-chave: Autismo. TEA. Educação musical. Musicoterapia.

Abstract

*This review aims to present the book *Music and Autism: Ideas in Counterpoint* (Oliveira, Horta, Parizzi & Sampaio, 2022). The work consists of nine chapters that explore autism and music from the perspectives of neuroscience, psychoanalysis, music therapy, and music education. The book is intended for anyone seeking more knowledge on how to engage with autistic individuals, especially those working in the fields of health and education. A key aspect of the work is the authors' and editors' commitment to providing information that enables autistic individuals to occupy a legitimate social and cultural space, being fully understood and accepted. In this regard, a collective investment—scientific, political, and sociocultural—is necessary to demystify autism and recognize autistic individuals as potential social agents. The book is an invitation for professionals from different fields to take responsibility in contributing to a better world, with consideration for autistic individuals.*

Keywords: Autism. Music education. Music therapy.

1 Apresentação Geral

O livro “Música e Autismo: ideias em contraponto” é uma obra organizada por educadores musicais e musicoterapeutas da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O livro congrega o resultado de estudos, pesquisas e experiências músico-terapêuticas e músico-pedagógicas com pessoas com diagnóstico de TEA, estabelecendo um diálogo entre diferentes campos de conhecimento: música (educação musical e musicoterapia), neurociências e psicanálise. A obra busca contribuir para com o atual contexto em que há um aumento do número de pessoas com diagnósticos de autismo e, consequentemente, maior demanda por serviços especializados para atender este público. Assim, o livro tem por objetivo socializar “os potenciais da Musicoterapia e da Educação Musical para favorecer o desenvolvimento, a qualidade de vida e a promoção da saúde das pessoas autistas e seus familiares” (Oliveira, et al., 2022, p. 10).

O livro foi organizado em três blocos, intitulados: Olhares, Intervenções e Avaliações. Cada bloco possui três capítulos, escritos por especialistas nos temas abordados. A estrutura da obra é inspirada no conceito da forma musical fuga, que tem como base o contraponto, em que uma linha melódica é sobreposta a outras, configurando um complexo conjunto de ideias que têm pontos em comum, e que se aproximam e/ou se distanciam em seu percurso. Os organizadores fazem uma analogia a esta forma musical, promovendo um diálogo contrapontístico entre 5 vozes: “música, autismo, ciência, musicoterapia e educação musical”, integrando-as a partir da Arte e da Ciência, por meio do “fazer artístico e do fazer científico” (Oliveira, et al., 2022, p. 11).

Por fim, o contraponto traz um poslúdio, que discorre sobre a relação Ciência e Arte nos tempos contemporâneos, descrevendo o quão ciência é arte, e que a arte, como expressão objetiva de uma impressão subjetiva, não impede de fazer ciência (citando Fernando Pessoa). Em outras palavras, a arte, em sua subjetividade de emoção e ideia, transforma-se na objetividade de uma música ou de um quadro; e a ciência, que nasce de observações do corpo, do objeto e do evento, é explicada a partir da subjetividade do cientista, realizando-se na subjetividade da exploração. Ambas são necessárias para o bem-estar e o desenvolvimento humano.

Embora a obra proponha um diálogo contrapontístico entre ciência e arte, articulando diferentes campos de conhecimento, observa-se uma tensão epistemológica que atravessa os capítulos, pois enquanto a ciência, representada pela Neurociência e Análise Comportamental, busca legitimidade por meio de evidências objetivas, mensuráveis e generalizáveis, os campos da Música, da Educação Musical e Musicoterapia se fundamentam na experiência estética, na subjetividade e na singularidade das relações humanas. Assim, se por um lado os discursos científicos contribuem para a compreensão de aspectos neurobiológicos e para a validação de práticas, por outro, podem tensionar perspectivas inclusivas quando operam sob lógicas normativas, comparativas e padronizadoras.

2 Apresentação e Análise dos Capítulos

O primeiro bloco do livro, denominado “Primeira fuga”, objetiva esclarecer com mais detalhes o Autismo sob as óticas da Neurociência, Análise Comportamental e Psicanalítica. Essa primeira parte trata das alterações específicas nas regiões encefálicas, a formação das sinapses e as etiologias, que podem ser apenas genéticas, genéticas

e ambientais, ou puramente ambientais. Nos detalhamentos e discussões, a música é apresentada como um instrumento capaz de alterar as funções, estruturas e padrões cerebrais, apontando para resultados satisfatórios em sua aplicação.

No primeiro texto deste bloco as autoras Rosário e Moraes abordam, cientificamente, bases neurobiológicas que permitem a compreensão das dificuldades e potencialidades das pessoas com TEA, favorecendo assim o aprimoramento e desenvolvimento de estratégias educacionais e terapêuticas. Discutem de maneira clara e objetiva como ocorre o desenvolvimento do sistema nervoso, as características neuroanatômicas e o funcionamento cognitivo no autista, como a inteligência, a atenção, as funções executivas e a cognição social. As autoras finalizam o texto destacando a forma como as pessoas diagnosticadas com TEA podem se relacionar com música, além de destacar seus benefícios específicos no que se refere à comunicação, aos padrões rítmicos e outros aspectos que podem ser repetitivos e “reconfortantes para a pessoa com TEA” (Rosário e Moraes, p. 27), além da expressão emocional.

Este texto convida o leitor para uma visão sobre o indivíduo, uma análise sobre o ser, pois quando o profissional tem conhecimento sobre aspectos biológicos do seu paciente ou aluno, a abordagem muda para melhor. Lendo o capítulo, é possível notar um diálogo com o que Viviane Louro discorre no segundo capítulo do livro *Educação Musical, Autismo e Neurociências* (Louro, 2021). No capítulo intitulado “Música e o Cérebro Autista”, a autora alega que no processamento musical (timbres, alturas, ritmos, métrica e harmonia) há participações específicas de regiões de ambos os hemisférios cerebrais, e este pode ser usado como um mediador primordial para os casos de alterações eletrofisiológicas, que justificam atrasos no desenvolvimento do ser humano (Louro, 2021, p. 35–40).

A Abordagem Comportamental no Transtorno do Espectro do Autismo é a principal discussão do segundo capítulo desta obra, escrito por Borges e Nogueira. O texto ressalta a importância de uma abordagem humanizada, levando em consideração a singularidade e espontaneidade dos sujeitos. Elas apresentam e defendem a utilização do chamado Applied Behavior Analysis (ABA), de forma humanizada. Trata-se de um conjunto de técnicas de intervenções junto à pessoa com TEA, que, quando praticado precocemente, com intensidade e estruturação adequada, oferece avanços importantes ao desenvolvimento integral do autista. Finalizam afirmando que “garantir o acesso aos tratamentos mais eficazes, desde os primeiros sinais de autismo até a vida adulta, é dever moral de um país” (Borges e Nogueira, p. 47).

O texto deixa claro a importância de aliar a música e o ABA para crianças diagnosticadas com TEA. Mas nesse cenário se faz importante ressaltar as implicações pedagógicas e políticas do material para a formação de professores e profissionais da música. Partindo do princípio que a educação é um direito e de que a música faz parte de nossa cultura, a educação musical para todos deve-se valer da oportunidade de conhecimento de forma abrangente, desconstruindo a ideia de homogeneização, de reprodução em série, da limitação de sua forma de expressar, aceitar e se manifestar de forma única. O texto das autoras aborda o ABA como um conjunto de técnicas importante e que deveria ser incluso no desenvolvimento de todas as crianças com diagnóstico em TEA. Mas, chama-se a atenção para a presença de um capacitismo camuflado, visto que ele não está presente apenas nas palavras escritas, mas também se institui nas generalizações, quando entende que todas as pessoas com um mesmo diagnóstico agem da

mesma forma. Isto acontece quando, por exemplo, há a expectativa de metodologias específicas para o ensino de música ou musicoterapia, deixando de considerar sua naturalidade, identidade, classe social e pertencimento cultural. Como já defendido por Soares (2020, p. 256), não deve haver uma metodologia/técnica específica, devendo os profissionais buscar “melhores alternativas para o grupo com o qual trabalhamos”. Ainda na primeira fuga, o terceiro texto escrito por Oliveira, trata da “comunicação além da fala”. A autora relata as condições das pessoas com autismo frente aos olhares da sociedade científica no passado e na atualidade. Ela alerta sobre a necessidade de buscar compreender o que o autista tem a comunicar, lembrando que sua comunicação pode ser multimodal e que sua forma de expressão pode ser em uma linguagem nova (ou diferente), que exigirá esforço e empenho para ser compreendida. Por vezes, não se terá a certeza do que ele comunicou, mas isso não impede que haja o esforço e a busca por se comunicar com a pessoa autista.

Quando estudamos a história da linguagem e da música, já nos impactamos com sua evolução, aprendemos que o fato do homem andar ereto (bipedismo) acarretou o alongamento da laringe e o alargamento da cavidade oral, o que lhe tornou mais habilidoso em movimentos permitindo a funcionalidade de movimentos e as linguagens complexas, o que nos torna hoje seres com linguagens sonoras e gestuais, como a fala, a música, a mímica facial e a gestualidade corporal (Fonseca, 2025, p. 19). Sendo assim, o texto de Oliveira chama o leitor para refletir sobre as linguagens com um olhar mais flexível, não engessado apenas na comunicação verbal.

A “Segunda fuga” tem como objetivo relatar formas de intervenções musicais e seus resultados com pessoas com autismo. Os dois primeiros textos deste bloco tratam da musicoterapia, destacando conceitos, princípios, tipos de abordagens e técnicas e apresentando evidências clínicas de resultados significativos da musicoterapia em pessoas com autismo. Iniciando com uma abordagem mais ampla, Gattino esclarece o uso da música como abordagem para pessoas diagnosticadas com TEA e segue apresentando o campo da Musicoterapia, quais são as fases de um processo musicoterápico, bem como suas abordagens e técnicas. Finalizando, ele apresenta diversas evidências científicas, recorrendo sobre estudos e pesquisas que comprovam a eficácia da musicoterapia para o tratamento de pessoas diagnosticadas com TEA.

O segundo texto deste bloco trata da teoria da musicalidade comunicativa, e da abordagem Nordoff-Robbins de Musicoterapia. Freire, Parizzi e Turry apresentam os conceitos teóricos e apresentam o caso de Edward, uma criança autista, que recebeu atendimentos musicoterápicos por meio da abordagem Nordoff-Robbins e apresentou resultados significativos em seu comportamento e aprendizagem. As análises revelam o diálogo entre a abordagem adotada e a teoria da musicalidade comunicativa, indicando potencialidade dialógica entre elas. O caso de Edward chama atenção sobre a necessidade de criar música e improvisar sons, conforme as respostas que ele teve, considerando sua personalidade, humor e modo de agir. Destaca-se no texto a preocupação com o desenvolvimento humano, independente do diagnóstico, a valorização e busca do “núcleo de musicalidade inata do indivíduo” (Freire et al., p. 122) — e, portanto, o fazer musical como habilidade humana —, bem como a comunicação por meio da improvisação/diálogo musical. Aqui também se chama a atenção do leitor para a descrença da hegemonia da palavra, da fala como a máxima comunicação. Como já mencionado por Suzart (2022, p. 146), “a comunicação exclusivamente verbal subjuga o corpo e toda a gama de possibilidades expressivas que ele possui”.

No último texto deste bloco, os autores Oliveira e Parizzi, tratam da educação musical especial e inclusiva, distinguindo, inclusive, a diferença entre estes campos de estudo e atuação do campo da Musicoterapia. A Educação Musical tem como foco o ensino e a aprendizagem da música. Por outro lado, a Musicoterapia, tem como “objetivo central a terapia do paciente por meio dos elementos musicais” (Freire et al., p. 129). O texto é didático e propositivo no que se refere à atuação do educador musical com autistas. Os autores enfatizam a necessidade de estruturação e planejamento de aula e relacionam estratégias básicas que contribuem no atendimento de autistas, além de proporem um “protocolo de planejamento pedagógico para a educação musical de crianças autistas” (Oliveira e Parizzi, p. 142), composto por cinco etapas bem definidas. A máxima do texto é que o educador musical considere as especificidades de cada aluno autista e que desenvolva um planejamento coerente, de forma intencional e consciente, do papel da educação musical e das potencialidades das pessoas com autismo.

O último bloco do livro, “Terceira fuga” trata das avaliações. Considerando que música é um campo de conhecimento científico, a avaliação do seu impacto nas pessoas é uma prerrogativa presente tanto na Musicoterapia quanto na Educação Musical. Diante disso, o primeiro texto deste bloco relaciona vários instrumentos de avaliação. A autora André apresenta uma relação de instrumentos localizados na literatura nacional e outra na literatura internacional, finalizando com um quadro que congrega dezoito instrumentos, apontando os que possuem validação no Brasil, bem como qual o foco da avaliação em cada instrumento.

No segundo texto, é descrito por Sampaio o protocolo de avaliação de sincronia rítmica (PSINC), que tem por principal objetivo “avaliar o desenvolvimento de habilidades de sincronizar ritmicamente e manter-se sincronizado durante variações no fazer musical” (Sampaio, p. 185). O autor discorre sobre a criação do protocolo, sua forma de utilização e a validade estrutural no âmbito terapêutico. Trata-se, portanto, de um instrumento direcionado exclusivamente para atendimentos terapêuticos.

O último texto deste bloco, aborda a escala de desenvolvimento musical – DEMUCA. Oliveira, Freire e Parizzi contextualizam a origem da escala e tecem uma explicação clara e didática da sua aplicação, tanto no meio terapêutico quanto no educacional. Isso se justifica na medida em que os especialistas de cada um dos campos poderão fazer usos distintos e igualmente válidos da escala, de acordo com seus objetivos e dos resultados da avaliação. Um dos destaques desta escala é o fato de ela permitir uma análise quantitativa e qualitativa, o que beneficia sobremaneira a avaliação. Os autores discorrem sobre os termos usados na escala, definindo-os objetivamente e finalizam discorrendo sobre o processo de três evidências de validação da escala.

Neste último bloco, questiona-se como os autores André, Sampaio, e Oliveira et al, analisam a educação musical especial ou educação musical inclusiva. Isso porque, ao adotar a avaliação de alunos com diagnóstico de TEA sob a égide de escalas, o educador musical acaba por contrariar princípios defendidos ao longo da obra, como a musicalidade comunicativa, o direito de acesso, a necessidade de um olhar flexível do profissional e a perspectiva de uma educação humanizada. Considerando que as escalas possuem caráter predominantemente quantitativo, sua utilização tende a exigir um olhar comparativo e, muitas vezes, capacitista, ao estabelecer parâmetros rígidos entre o que seria “zero por cento” e “cem por cento” de desenvolvimento musical. Entre as diversas formas de

aprendizagem, a aprendizagem experimental traz exatamente essa discussão na forma de avaliar, entendendo a autoavaliação como principal método de se medir o progresso. Conforme Meireles e Feichas (2025, p. 130), nela, a autoavaliação, os estudantes analisam e reconstroem suas experiências, extraindo significado à luz de experiências musicais ante-riores e potencialmente desencadeando novas ações.

A partir dessa perspectiva, evidencia-se uma possível incoerência epistemológica entre os capítulos da obra. Enquanto alguns textos defendem abordagens centradas na singularidade, na comunicação não verbal e na construção relacional do fazer musical, outros se apoiam em modelos teóricos e metodológicos que privilegiam a mensuração, a padronização e a previsibilidade dos comportamentos. Tal tensão revela não apenas uma diversidade de abordagens, mas também diferentes concepções de sujeito. Essa coexistência de paradigmas, embora coerente com a pro-posta de contraponto apresentada pelos organizadores, não é problematizada de forma explícita ao longo da obra, o que pode gerar ambiguidade na compreensão do leitor acerca dos fundamentos que sustentam as práticas propostas.

3 Considerações Finais

O livro se constitui em uma contribuição importante para a melhor compreensão do autismo e do impacto da música no tratamento e desenvolvimento de pessoas com TEA. Os capítulos iniciais tratam do autismo de modo conceitual e histórico, em uma linguagem leve, sem perder a profundidade. Os capítulos que se seguem apresentam os efeitos da música e a forma como ela pode ser usada no tratamento e desenvolvimento de pessoas diagnosticadas com TEA. Por fim, os capítulos finais, abordam diferentes possibilidades de avaliações em música, recorrendo mais amplamente sobre dois instrumentos propostos e validados no Brasil (Psinc e Escala DEMUCA). Todos os textos são escritos por autoridades nos respectivos assuntos e fundamentados em pesquisas e estudos sólidos.

A obra tende para o campo terapêutico, dada a quantidade de textos relativos aos aspectos conceituais e de temáticas do campo da Musicoterapia. Porém, embora somente um texto seja especificamente sobre autismo e educação musical, a leitura é relevante para todos que buscam mais conhecimentos sobre como promover interações pedagógicas inclusivas com pessoas diagnosticadas com TEA e, em especial, para quem atua nas áreas da Saúde e da Educação. Destaca-se na obra a preocupação dos autores e organizadores em trazer informações para que as pessoas com TEA possam ocupar um espaço social e cultural legítimo, sendo entendidas e aceitas na sua integralidade. Nessa direção, como bem afirmam, é necessário um investimento coletivo, científico, político e sociocultural, desmistificando concepções sobre pessoas com TEA e enxergando-as como potenciais agentes sociais. O livro é um convite para que profissionais de diferentes áreas, assumam sua responsabilidade na construção de um mundo que reconheça e valorize as pessoas com autismo como parte integrante da sociedade.

A obra cumpre com um papel relevante ao reunir diferentes perspectivas sobre a música e autismo, mas também evidencia os desafios de se construir um campo verdadeiramente interdisciplinar, atravessando por disputas epistemológicas éticas e políticas que impactam diretamente as práticas profissionais. Mais que apresentar respostas, o livro suscita questionamentos fundamentais sobre quais concepções de sujeito orientam nossas práticas,

até que ponto a validação científica pode comprometer uma escuta sensível e inclusiva, e como sustentar, no campo musical, uma atuação que não reduza indivíduos a parâmetros de desenvolvimento, mas que reconheça sua potencialidade expressiva e sua condição de sujeito cultural.

Referências

LOURO, Viviane dos Santos. *Educação musical, autismo e neurociências*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

FONSECA, João Gabriel Marques. *As complexas e fascinantes relações cérebro-música*. In: PARIZZI, Betânia et al. (org.). *Música... cérebro, educação, saúde*. 1. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2025. p. 16–32.

MEIRELES, Bernardo Assis; FEICHAS, Heloisa. *Aspectos conceituais da aprendizagem criativa: a experiência do Guildhall/Barbican*. In: PARIZZI, Betânia et al. (org.). *Música... cérebro, educação, saúde*. 1. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2025. p. 115–141.

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo et al. (org.). *Música e autismo: ideias em contraponto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

SOARES, Lisbeth. *Música, educação e inclusão: reflexos e práticas para o fazer musical*. Curitiba: InterSaberes, 2020. (Série Pressupostos da Educação Especial).

SUZART, Carla. *Atividades sensoriomusicais no contexto hospitalar infantil: relato, reflexões e prática*. In: PARIZZI, Betânia; SANTIAGO, Diana (org.). *Música e desenvolvimento humano: práticas pedagógicas e terapêuticas*. 1. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2022. p. 144–168.

Sobre as autoras

Tayná K. Santiago Alves é mestranda no Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Educadora Musical e Musicoterapeuta com público neurodivergente. Atual Vice-Presidente da Associação Brasileira de Musicoterapeutas (ABMT). <https://orcid.org/0009-0006-8452-606X>

Vania Malagutti Fialho é Doutora em Música/Educação Musical pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora associada da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atua na formação inicial e continuada de educadores musicais, professores de música e professores da educação básica. Coordenadora do PARFOR- Música (UEM) nas gestões de 2014-2017 e 2023-2025. Chefe do Departamento de Música e Artes Cênicas da UEM nas gestões de 2006-2007, 2007-2009 e 2022-2024. Editora da Revista da ABEM na gestão de 2021-2023. Atual Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UEM. Autora e coautora de artigos e livros da área, sendo os mais recentes, *Jogos Musicais* (Editora Matrix); *Musicando (n)a Escola: propostas práticas para sala de aula* (Editora Matrix) e *Festival de Música Estudantil: pré-festival, festival e pós-festival* (Editora Fi). <https://orcid.org/0000-0001-5505-9008>